

ROBERTO BURLE MARX

Pinturas

Instituto de arte contemporânea

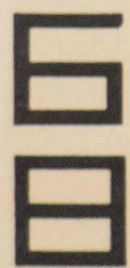


GALERIA BONINO

Rio de Janeiro Brasil

instituto de arte

contemporânea



GALERIA BONINO

Rua Barata Ribeiro, 578

Rio de Janeiro

Brasil

A ATUALIDADE DE ROBERTO BURLE MARX

Em estúdio Roberto Burle Marx pintava, e de sua pintura arquitetava o jardim.

Este primeiro esquema data de quase trinta e cinco anos passados, muito antes do abstracionismo arrojado nas telas.

Lembro-me do artista extraindo desenho do íntimo das folhas, do recôndito das flores e das grandes massas polirômicas das matas, dos mangues, da capoeira e do tabuleiro praieiro e transformando essa matéria em novas paisagens plasmadas com êstes valores abstratos.

Éra uma época em que toda arte visava ao quadro, ao mural e à escultura das paredes e ninguém indagava se ao público restava outra participação senão a do contemplativo, de espectador do compulsório.

Antes disso, muito antes mesmo desta sadia polémica de se aproximar e se ancorar para o público como consumidor e verdadeiro consumidor da obra de arte,

já Roberto Burle Marx não vivia sensorialmente, já Roberto Burle Marx se ocupava fazer PINTURA em grandes espaços abertos, trazendo ao habitante do Recife uma nova beleza através do insólito matagal, mandacaru e da flora do mangue.

Se alguém lhe quizesse corrigir, outro exemplo de atualidade, adeiramente contemporâneo, de que se poderia ter procedido há mais de trinta e cinco anos com os argumentos de principal importância desta participação atuante e não passiva, sensorial e não apenas visual, direta e não somente física, na relação que se estabelece entre o produto da criação artística e o espectador.

Quando a água já correu sob o pente, o artista já se desmanchou, sua imensa produção tem endoado todo o mundo, a natureza trabalhada no jardim, nos grandes parques, jardins e logras

terros aceitou o seu estilo de artista plástico, de pintor que usa o solo invés da tela, a planta invés da tinta e faz do transeunte o consumidor-participante. Restaria saber se Roberto Burle Marx teria renunciado à pintura, em temas tradicionais.

Vejam-no, agora, numa exposição da Galeria Bonino da Guanabara. É a luz e imensa experiência do contemplativo da flora sintetizada em cores, formas e vibração. O ritmo da mata, da folha e da flor, uma vez entrevisto na natureza e por longo tempo estudado como matéria de trabalho do arquiteto da paisagem, reflete-se nestes quadros em notas dramáticas, em formas abstratas e em acordes de surpreendente harmonia.

A pintura abstrata de Roberto Burle Marx, direta e depois into do paisagista, é vivência de toda uma vida dirigida ao espaço do Bem da natureza, a simulação de uma unidade estético.

Ritmo, harmonia, simulação e plasticidade são valores inerentes ao universo abstrato e Roberto Burle Marx nos revela em termos de captação plástica a uma realidade estética plena.

Diante dessa correlação entre o artista e sua notável experiência, não é admissível ao artista simplesmente limitar, informar, mas, corajosamente, deparar a realidade física em provelto de uma linguagem idealizada. Para o crítico que depõe sobre o artista, por acompanhá-lo há mais de três décadas, é convincente poder estudar sua obra pictórica desvinculada de outras influências de estilos individuais, uma vez que suas raízes se firmam na experiência e na simulação que lhe são próprias.

Nenhum interesse há, pois, de codificar o artista em qualquer gênero de vulgarização.

Temos que analisar sua pintura como uma das partes de uma obra plural, como uma expressão necessária de unidade de sua criação estética, não se restringindo ao nível das mais significativas de nossa experiência.

CLARIVAL DO PRADO

A ATUALIDADE DE ROBERTO BURLE MARX

Em princípio Roberto Burle Marx pintava, e de sua pintura arquitetava o jardim.

Este primeiro esquema data de quase trinta e cinco anos passados, muito antes do abstracionismo lírico atingir as telas.

Lembro-me do artista extraindo desenho do íntimo das fôlhas, do recôndito das flôres e das grandes massas policrômicas das matas, dos mangues, da capoeira e do tabuleiro praieiro e transformando essa matéria em novas paisagens plasmadas com êsses valores abstratos.

Era uma época em que tôda arte visava ao quadro ricamente emoldurado, ao mural e à escultura das edificações oficiais e ninguém indagava se ao público caberia outra participação senão a do contemplativo, de aplauso quase compulsório.

Muito antes, muito antes mesmo desta sadia polêmica de se reconhecer e se apelar para o público como participante e verdadeiro consumidor da obra de arte, entrando nela, nela vivendo sensorialmente, já Roberto Burle Marx se propunha fazer PINTURA em grandes paisagens reais, trazendo ao habitante do Recife uma nova noção de beleza através do insólito matagal, do desprezível mandacaru e da flora do mangue.

Não conheço, e prezaria ser corrigido, outro exemplo de um pintor verdadeiramente contemporâneo, de nossa atualidade, que tivesse procedido há mais de trinta anos passados com os argumentos da principal polêmica desta data: a participação atuante e não passiva, plurissensorial e não apenas visual, diária e envolvente e não somente visitante, na relação que se idealiza entre o produto da criação artística e o seu consumidor.

Entretanto, muita água já correu sob a ponte, o artista pioneiro encaneceu, sua imensa produção tem endereços por todo o mundo, a natureza trabalhada no paisagismo dos grandes parques, jardins e logra-

douros aceitou o seu estilo de artista plástico, de pintor que usa o solo invés da tela, a planta invés da tinta e faz do transeunte o consumidor-participante. Restaria saber se Roberto Burle Marx teria renunciado à pintura, em termos tradicionais.

Vejam-no, agora, nesta exposição da Galeria Bonino da Guanabara. Ele nos traz a imensa experiência do contemplativo da flora, sintetizada em côres, formas e vibração. O íntimo da mata, da fôlha e da flor, uma vez entrevisto na natureza e por longo tempo entendido como matéria de trabalho do arquiteto da paisagem, reflete-se nesses quadros em notas cromáticas, em formas abstratas e em acordes de surpreendente harmonia.

A pintura atual de Roberto Burle Marx, diria, é o depoimento do paisagista, a essência de tôda uma vida dirigida ao encontro do Belo da natureza, a súpula de uma atitude estética.

Ritmo, harmonia, vibração e dramaticidade estavam inerentes ao universo empírico e Roberto Burle Marx nô-los revela em termos de captação plástica a uma realidade estética plena.

Diante dessa correlação entre o autor e a sua notável experiência, não é admissível ao artista simplesmente imitar, informar, mas, corajosamente, depurar a realidade física em proveito de uma linguagem idealística. Para o crítico que depõe sôbre o artista, por acompanhá-lo há mais de três decênios, é convincente poder estudar sua obra pictórica desvinculada de outras influências de estilos individuais, uma vez que suas raízes se fincam na experiência e na vivência que lhe são próprias.

Nenhum interêsse há, pois, de codificar o artista em qualquer gênero de vulgarização.

Temos que analisar sua pintura como uma das faces de uma obra plural, como uma expressão material da unidade de sua criação estética, hoje já reconhecida ao nível das mais significativas de nossa modernidade.

CLARIVAL DO PRADO VALLADARES

instituto de arte contemporânea

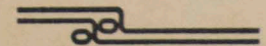
De 6 a 24 de junho de 1967

Exposição N.º 78

OUTRAS EXPOSTAS

- 1 - Quaresma
- 2 - Anínia
- 3 - Zaira Galgardo
- 4 - Tereza da Encarnação
- 5 - Mensagem a William
- 6 - Mensagem a José Augusto
- 7 - Mensagem a Inês
- 8 - Mensagem a José Augusto
- 9 - Mensagem a Inês
- 10 - Mensagem a José Augusto
- 11 - Mensagem a Inês
- 12 - Mensagem a José Augusto
- 13 - Mensagem a Inês
- 14 - Mensagem a José Augusto
- 15 - Mensagem a Inês
- 16 - Mensagem a José Augusto
- 17 - Mensagem a Inês
- 18 - Mensagem a José Augusto
- 19 - Mensagem a Inês
- 20 - Mensagem a José Augusto
- 21 - Mensagem a Inês
- 22 - Mensagem a José Augusto
- 23 - Mensagem a Inês

Instituto de arte contemporânea



No Exterior:

- 1948 - Jardim de Diego Cisneiros, em Caracas, Venezuela.
- 1955 - Jardim da residência de Sculltess, em Havana, Cuba; arquitetura de Richard Neutra.
- 1956 - Jardins do Parque Del Este, na Venezuela, e o ante-projeto dos jardins das Praças das Nações, presente do Brasil ao Chile. Projeta no mesmo ano o parque de Caracas, com a colaboração dos arquitetos Fernando Tábora e J. Godfrey Stoddart. Jardim do «Barranquillas Hotel», em Pôrto Rico.
- 1957 - Jardim da residência de Inocencio Palacios, em Caracas; Jardins do Club Monon e de Los Canales, na Venezuela; Jardins do «Club Playa Azul», em Caracas.
- 1958 - Projeta um «play-ground» para a «OLIVETTI», o jardim do «Club Guataparo» e do Centro Residencial «El Castaño», em Caracas.
- 1959 - Parque Del Oeste, na Venezuela.
- 1966 - Jardins do conjunto residencial Parque Norte, na Argentina.

OUTRAS OBRAS

- 1958 - Projeto e confecção de dois painéis para a Fábrica «Mercedes Benz».
- 1966 - Projeto e confecção da Tapeçaria do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília. Painel de Azulejos para o Instituto Oswaldo Cruz. Cenários e trajes para o «Ballet Petrushka». Cortinas pintadas para o SESC, São Paulo. Colaboração no livro de Bardi intitulado «The Tropical Gardens of Burle Marx». «Quatro Pintores Americanos», livro publicado pela União Pan-Americana.

OBRAS EXPOSTAS

- 1 - Quaresma
- 2 - Helicônia
- 3 - Marly
- 4 - Homenagem a Zélia Salgado
- 5 - Trópico de Capricórnio
- 6 - Ilha (homenagem a Mr. William)
- 7 - Zulmirana
- 8 - Homenagem a José Piquet Carneiro
- 9 - Imigrante - homenagem às borboletas mortas
- 10 - Germinação
- 11 - Irmãs Xipófagas em azul
- 12 - Mangue Perdido
- 13 - Santo Antônio da Bica
- 14 - Santo Antônio da Bica n.o 2
- 15 - Zoraida ou Mirabel-Jardim
- 16 - Homenagem a Lúcio Cardoso
- 17 - Labirinto
- 18 - Borborema
- 19 - Vila Isabel
- 20 - Floresta Cinzenta
- 21 - Mangue Amarelo
- 22 - Igarapé
- 23 - Floresta

DADOS BIÓGRAFICOS

ROBERTO BURLE MARX - PAISAGISTA

Nasceu em São Paulo, em 1909, passando a residir no Rio de Janeiro a partir de 1913.

Cursou a Escola de Belas Artes onde recebeu a Medalha de Ouro em pintura. Formado em arquitetura pela Faculdade do Rio de Janeiro.

Em 1928 estudou pintura na Alemanha onde descobriu, nas estufas do Jardim Botânico de Dahlen, a flora brasileira.

Em 1934 tornou-se Diretor de Parques e Jardins do Recife.

Recebeu o título de membro honorário da Sociedade Colombiana de Arquitetura e da Sociedade de Planificação, Arquitetura e Artes Visuais do México.

Atualmente é membro do Conselho Federal de Cultura de acordo com o art. 1.º do Decreto-lei n.º 74 de 21 de novembro de 1966.

PRÊMIOS

1931 - Medalha de Ouro da Escola de Belas Artes.

1941 - Prêmio de Arquitetura da II Bienal de São Paulo.

1942 - Medalha de Ouro do Salão da Escola de Belas Artes.

1947 - Projeta os jardins da residência da Sra. Odete Monteiro, com os quais obtém o prêmio da Bienal de São Paulo.

1958 - Projeta os jardins para o Pavilhão Brasileiro da Exposição de Bruxelas, sendo agraciado com a Medalha de Honra e com o título de Cavaleiro da Corôa.

1962 - Recebe do Governo Chileno a Medalha da Ordem do Mérito do Chile.

1963 - Medalha Santos Dumont, da Aeronáutica, e I Prêmio da VII Bienal de São Paulo, como idealizador de jóias.

1964 - Grande Prêmio da I Bienal Internacional de Artes Aplicadas do Uruguai com as jóias BURLE MARX, de sua criação.

1965 - «Fine Arts Medal», do Congresso de Arquitetos dos Estados Unidos.

Medalha de Ouro da «Florales» de Paris.

EXPOSIÇÕES

1941 - Faz sua I Exposição de Pintura, no Rio de Janeiro.

1952 - Exposições nos Estados Unidos.

1956 - Exposições na Itália, Bélgica, França, Holanda e Alemanha.

1960 - Participa da Exposição Internacional de Caracas.

1961 - Expõe jardins, individualmente, na Bienal de São Paulo.

1961 - Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro.

1963 - Exposições em Hamburgo, Viena e Paris.

PROJETOS DE JARDINS

No Brasil:

1933 - Primeiro jardim, para uma casa projetada por Lúcio Costa.

1937 - Projetos para praças e jardins públicos, em Recife, quando surge o Primeiro Jardim Ecológico do Brasil.

1938 - Participa do grupo de arquitetos que desenvolve o Ministério da Educação e Saúde, chefiado por Lúcio Costa e risco de Le Corbusier. No mesmo ano projeta os jardins da Associação



Brasileira de Imprensa e do Aeroporto Santos Dumont.

1939 - Jardim do Instituto de Resseguros do Brasil.

1940 - Jardins da Pampulha, em Belo Horizonte.

1943 - Jardins do Parque de Araxá, em Minas Gerais.

1945 - Jardins da praça do Largo do Machado, no Rio de Janeiro.

1951 - Jardins de Cassiano Ribeiro Coutinho e do Galeão.

1952 - Jardins da residência de Moraes da Fonseca, no Rio de Janeiro.

1954 - Jardins do Parque do Ibirapuera, projeto de Oscar Niemeyer, do Aeroporto de Belo Horizonte e Jardins da residência de Cavanellas.

1955 - Jardins do Museu de Arte Moderna, da Praia de Botafogo, os Jardins de Pedregulho, no Rio de Janeiro, projetos de Afonso Eduardo Reidy; Jardins dos Zoo-Botânicos de Brasília e São Paulo.

1956 - Jardins das residências de Sérgio Corrêa da Costa e Alberto Kronsfoth.

1957 - Jardins do Hospital SULAMERICA, projeto de Oscar Niemeyer, no Rio de Janeiro; Aeroporto de Guararapes, no Recife.

1958 - Jardins do Eixo Monumental de Brasília.

1959 - Jardins da Glória, para o grupo de trabalho no qual Afonso Eduardo Reidy e Jorge Moreira trabalharam como urbanistas, participando Maria Augusta Costa Ribeiro na parte de confecção.

1960 - Jardins da Faculdade de Arquitetura da Cidade Universitária do Rio de Janeiro.

1966 - Jardim de Olivo Gomes, em São Paulo, e os Jardins do Centro Cívico de Curitiba.